

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 3·1985

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

RECENSÕES

Os Caçadores da Pré-História

LEROI-GOURHAN, André

Lisboa, Edições 70, 1984, 154 p.

Os caçadores da Pré-História, obra em que o autor apresenta a correlação dinâmica entre a manufatura de utensílios e a hominização, é de fácil leitura, mesmo para qualquer leigo.

Está dividida em nove capítulos, antecidos de um prefácio.

Capítulo I — «Como se escreve a Pré-História»

Se é verdade que os materiais desta ciência são de fácil acesso, pois os homens de outrora foram deixando pelo chão dezenas de pedaços que talharam, não é menos verdade que o tempo veio a modificar completamente a superfície da Terra. Tanto a erosão como a sedimentação, que são duas forças vivas de acção contrária, permanentemente vão-lhe modificando o aspecto morfológico.

Os locais pré-históricos encontram-se ou em grutas ou em outros sítios onde as camadas sedimentares permaneceram, até hoje, sem grandes estragos. É a tais locais que o autor chama «arquivos da terra», os quais, diz ele, «se não parecem com um livro novo mas com um velho manuscrito rasgado e amarelecido».

Para decifrar esses «manuscritos» são feitas escavações, tudo sendo anotado, fotografado e desenhado sem nada ser removido. Só depois as amostras serão colhidas.

Para uma boa reconstituição, quer do homem pré-histórico quer de todo o meio que o rodeou, terá necessariamente de recorrer-se aos arqueólogos, paleontólogos, polinólogos, geólogos, geomorfólogos, etc.

O autor aconselha a que se reflecta na continuidade da nossa vida, pois as grandes invenções actuais são o fruto de uma prolongada maturação, ao longo de milhões de anos de existência humana.

Capítulo II — «Climas e a Natureza»

Aí se fala das grandes variações climáticas da Europa Ocidental, das glaciações mais importantes (*Gunz, Mindel, Riss e Wurm*) e consequentes alterações na fauna e flora.

Ensina como, com a ajuda dos paleontologistas, polinologistas, geologistas e geomorfologistas, é possível determinar não só as espécies de plantas e animais existentes em certa camada e sua idade, como também o clima, condições de vida e aspecto da paisagem. Neste contexto o autor ocupa-se particularmente de áreas do seu país.

Capítulo III — «Os Homens»

Constituem o material que permite o seu estudo os restos fossilizados do esqueleto humano.

Se de uma manada de animais pré-históricos nos restam apenas os dentes, que nos restará dos esqueletos humanos que eram em muito menor número e muito mais frágeis? «Embalados cuidadosamente todos os restos anteriores à glaciação *Riss* (estes) encheriam uma maleta de fim de semana, mas para o período interglaciário *Riss-Wurm* já seria precisa uma mochila de soldado; para a 1.^a parte do *Wurm* necessitar-se-ia de uma mala mas para 2.^a, seriam precisas 3 ou 4.»

É depois traçada em linhas gerais a evolução humana a partir dos Vertebrados.

Assinala a 1.^a descoberta do homem fóssil no Vale do Reno — homem de *Neandertal* —, sua errada interpretação, assim como as tão importantes descobertas dos primeiros *Australopithecus*, as quais vieram revolucionar completamente as ideias acerca da origem do homem.

Estabelece a sucessão «*homo habilis*, *homo erectus*, *homo sapiens*».

Faz a divisão dos fósseis humanos em *arqueantropianos*, *paleoantropianos* e *neantropianos*. Termina o capítulo ocupando-se do aparecimento dos *neantropianos* «semelhantes a nós» mas cuja origem não está ainda esclarecida.

Capítulo IV — «As obras»

A criação das técnicas e a sua evolução permite o estudo do homem independentemente da história do esqueleto. Bastará, por isso, para nos guiar, o que resta do que produziu.

A obra humana não material, pode extinguir-se ou renascer de uma época para a outra; o utensílio, todavia, não poderá nunca ser ignorado.

É necessário, no entanto, ter presente que, se podemos afirmar como o utensílio foi fabricado, já o determinar-se aquilo para que serve não passará de uma hipótese.

Para a descrição das civilizações passadas temos de considerar não só os meios de subsistência (caça, pesca, recolecção) ou de protecção (vestuário e habitação), como também a organização social e as preocupações religiosas e artísticas. Utilizando portanto testemunhos directos e indirectos tenta-se reconstituir o passado. O capítulo termina chamando a atenção para que «a imaginação deve orientar a investigação e não ocupar o seu lugar»

Capítulo V — «Nascimento do utensílio»

Neste capítulo são descritos os primeiros utensílios fabricados pelo homem, evolução das técnicas e definidas as noções de *percutor*, *bolbo de percussão*, *plano de corte*, *fragmento*, *núcleo*, «*chopper*», «*chopping tool*» e *biface*.

Capítulo VI — «Os primeiros artistas»

O autor salienta que antigamente o investigador dava a primazia à estigrafia, para conhecer a vida do homem pré-histórico. Isso fazia com que os objectos fossem recuperados por ordem cronológica, perdendo-se porém as outras informações. Tal método empobrecia toda a informação, dado que a reduzia apenas ao objecto. Actualmente pretende-se a recuperação de todos os possíveis vestígios ao mesmo nível estatigráfico. No caso das lareiras, por exemplo, deve pretender-se reconstituir todo o lugar tal como o homem que as acenderam as viram.

Neste capítulo é ainda reconstituída a vida dos *arqueantropianos* e *paleantropianos* através de escavações em grutas e acampamentos ao ar livre.

Do estudo dos bifaces simples passa-se para as indústrias mais aperfeiçoadas: *acheulense*, *levaloisense*, *mousteriense*. A profusão das formas vai sendo cada vez mais extraordinária, notando-se na fase final já uma preocupação estética.

Capítulo VII — «Os últimos primitivos»

Com o início da glaciação *Wurm* a França e regiões ocidentais eram ainda povoadas pelos *neandertalianos*, mas no Próximo Oriente já viviam seres humanos muito próximos dos *neantropianos*.

O autor faz, numa região de França, o estudo de uma série de camadas de terreno. De cada camada descreve o clima, a flora a fauna, o homem e a sua cultura.

Com os neandertalianos a cultura mousteriense vai-se instalando progressivamente. Por último aparecem já utensílios do *homo sapiens*, embora ainda persistam os da época *mousteriense*. No fim do capítulo faz-se a descrição da vida dos *neandertalianos*, suas crenças e linguagem, enterramento dos mortos, etc., comparando-a com a de populações actuais.

Surge então a «idade da rena» e o «*homo sapiens*».

Capítulo VIII — «A idade da rena»

Nessa idade, que durou cerca de 30 000 anos, com grandes variações climáticas, aparece o «*homo sapiens*», enquanto o de Neanderthal desaparece.

São assinaladas as características do «*Homo sapiens sapiens*» particularmente do homem de Cro-Magnon e suas relações com troncos raciais actuais.

Faz-se a descrição de vários períodos culturais: *chatelperronense*, *aurignacense*, *gravettense*, *solutrense* e *magdalenense*.

No fim do capítulo o autor chama a atenção para a extraordinária actividade artística que se desenvolveu a partir de meados do *aurignacense* até ao *magdalenense*. No final do *magdalenense*, quando termina a glaciação *wurmiana*, o florescimento artístico cessa.

Capítulo IX — «Como se vivia na Idade da Rena»

Descreve o «*Homo sapiens sapiens*» como grande caçador e pescador, as armas utilizadas e o material de que eram feitas e modo como se alimentava.

Se é verdade que se conhecem muitas lareiras, não se sabe no entanto se o homem nessa altura já cozinhava. Fazia uso do sílex e como muitos objectos foram encontrados longe dos locais das explorações, concluiu-se que faria grandes deslocações.

São estudados os vários tipos de habitação. Destas, as que foram feitas ao ar livre, só mediante os métodos de excavação relativamente recentes se conseguiram reconstituir.

O capítulo termina focando-se as preocupações religiosas, artísticas e mágicas. Nota-se uma profusão de objectos e cavernas artisticamente decoradas e um intenso culto dos mortos.

No X e último capítulo «O fim dos tempos imemorais» assinala-se a passagem para o *Mesolítico*, um período que deixou em França muito menos vestígios que a «Idade da rena».

Os grandes acontecimentos passam-se agora no Mar Báltico e também no Mediterrâneo Oriental, onde já se prepararam as civilizações dos tempos históricos.

André Leroi-Gourhan, para além de outras considerações, termina dizendo que ao estudar a pré-história se não devem ignorar as grandes lutas que o homem travou na busca da sua realização. Isso é de certa maneira, prestar-lhe uma homenagem.

M. H. XAVIER DE MORAIS